

BRANQUINHA

Faustino, alto e com peso equilibrado, dentes de marfim, incorruptos, lábios grossos de carmesim desbordante, olhos grandes, vívidos, mas denunciadores de certa melancolia – num rosto ovalado de profundo negror – carregava uma obsessão que se enraizava em quatro versos: *Ó Formas alvas, brancas, Formas claras/De luares, de neves, de neblinas!...//Formas do Amor, constelamente puras,/De Virgens e de Santas vaporosas...*¹ Do que eram parte estas linhas poéticas? Não sabia. Ouvira-as, como outras, em tempos idos, mas àquelas guardara qual um mimo.

Havia um outro mimo, este tinha nome, forma, intelecto. Aquela tarde de domingo seria o momento em que Faustino planejava dançar com Branquinha. Todos estariam reunidos – Juvêncio, Miguela, Juvelino, Joaquina, Ambrósia, Jaú, Picucha e outros tantos – numa clareira no Mato. Haveria mais um bate-coxas, como eram depreciativamente denominados os bailes que os negros realizavam, era início do século vinte, em locais ermos.

O domingo chegara com um dia radiante de sol, sem vento e com temperatura amena. Os longos eucaliptos quedavam-se estáticos, em suspense, como que a esperar por algo. Faustino, empregado modesto dos serviços municipais de limpeza pública, ajeitara-se como melhor pudera, para divertir-se, e com Branquinha.

Nos seus dezessete anos, Branquinha entrara num desvio do destino que a afastou de um esboçado futuro promissor, jogando-a no mundo de dificuldades igual ao que enfrentavam aqueles que ali estariam, no arrasta-pé. Filha de pai branco, e de posses, e mãe negra, viu de um momento para o outro desaparecer seu pai e tutor, numa morte prematura, e ser jogada numa tempestuosa sucessão. Perdeu tudo, menos sua inelutável beleza. Mulata clara, diziam; cabelos longos

¹ - Broquéis - Antífona, de Cruz e Sousa.

e cacheados, todos podiam ver, assim como a seus olhos verdes, contrastando com o matiz subjacente da melanina materna; esbelta, outra marca de sua origem dava-lhe um toque muito comentado: as exuberantes nádegas.

Baiate, em verdade, Bayard, como o amante de sua mãe o batizara, e como cresceu chamado por todos, apareceu na festa.

Longilíneo, tinha um metro e noventa, cabelos crespos, pele quase branca, e olhos azuis. Trabalhava como auxiliar de escritório, também no serviço municipal.

Branquinha nem pensou. Forças imanes tremendas, fruto mesmo da forma como deu-se sua concepção; o ambiente em que viveu, cresceu e dele foi expurgada – empurram-na em direção a Baiate, o coração nas mãos, a alma nos lábios, uma margarida nos cabelos.

Todos viram a cena. Ninguém se importou com Faustino. Subitamente, ele interpôs-se entre Branquinha e Baiate, a adaga na mão.

Um instante, apenas, e Baiate jazia morto. Branquinha em estado de choque, ajoelhada a seu lado, nada compreendia.

Faustino, numa perspectiva de cima para baixo, via uma cena que haveria de se repetir enquanto vivesse, uma vida sem Branquinha.

Malvina, irretocavelmente bela, as lágrimas escorrendo por seu rosto negro, qual Branquinha, também não podia compreender a atitude de Faustino, a quem amava sem restrições.

Sousa compreenderia.